

**ANÁLISE DA LINGUAGEM DIALETAL
EM NO LONGER AT EASE
E SUA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA**

Laura de Almeida (UESC)
prismaxe@gmail.com

RESUMO

A literatura tem mostrado que consegue expressar as mais variadas formas de linguagem, principalmente no tocante à linguagem dialetal. Por meio desta pesquisa apresentamos um estudo da linguagem dialetal em uma obra literária de Chinua Achebe. Temos por objetivo analisar as falas das personagens e como foram retratadas na tradução para a língua portuguesa. Nossa fundamentação teórica aborda a variação linguística de alguns personagens da obra *No Longer at Ease*. Adotamos os estudos de sociolinguística de William Labov (1972) e Fernando Luiz Tarallo (1986) sobre variação linguística e as teorias de tradução de obras clássicas apresentadas por Richard D. Lavoie (1994), Luis Otávio Sarian (2008) e Lilian Marins e Vera Wielewiczki (2009). Constatamos que as falas dialetais encontradas comprovam a identidade e diversidade cultural de um povo; contudo não são relevadas nas escolhas do tradutor.

Palavras-chaves: Tradução literária. Sociolinguística. Teoria e prática.

1. Introdução

O presente artigo apresenta um estudo da linguagem dialetal em uma obra literária de Chinua Achebe. Temos por objetivo realizar uma análise comparativa entre as duas obras na língua original *No Longer at Ease* e a tradução de Rubens Figueiredo para a língua portuguesa *A paz dura pouco*.

Assim, buscamos evidenciar a importância dessa variante linguística visando contemplar os seguintes itens:

- Pesquisar exemplos do *Black English Vernacular* (BEV) em obras de Chinua Achebe;
- Verificar se as variações linguísticas têm sido mantidas pelo tradutor ou se ele utiliza de outras formas ao se deparar com estas variações;
- Fazer um estudo sociolinguístico com base na coleta dos dados;

- Relacionar língua, cultura, sociedade com base no estudo do *Black English Vernacular*.

Desta forma, temos por intuito verificar se as variações linguísticas têm sido mantidas pelo tradutor ou se ele utiliza de outras formas ao se deparar com estas variações.

A fim de compreender um pouco da variação linguística de língua inglesa, abordamos as variações do *Black English Vernacular* (BEV) presentes em algumas obras clássicas em língua inglesa. Desta forma, pesquisamos algumas obras que incorporam representações do discurso do *Black English Vernacular*, e as quais incluem, dentre outras, as seguintes obras: de Edgar Allan Poe: "The Gold Bug" (1843), de Herman Melville: *Moby Dick* (1851), de Harriet Beecher Stowe: *Uncle Tom's Cabin* (1851–1852). Contudo, neste trabalho vamos nos deter na obra de Chinua Achebe.

Devido à escassez de trabalhos desta natureza, temos por intuito contribuir com as pesquisas dialetais no campo da tradução literária.

2. *Fundamentação teórica*

O arcabouço teórico é construído com base nos estudos de tradução literária de John Milton (1994) que apresenta um estudo sobre a tradução de romances clássicos do inglês para o português no Brasil. Também em pesquisas sobre tradução e sociolinguística de teóricos como Richard D. Lavoie (1994), Luis Otávio Sarian (2008) e Lilian Marins e Vera Wielewicz (2009). Outro aporte teórico importante são os estudos de identidade cultural de Stuart Hall (2002) e Homi K. Bhabha (2007) ao tratar da articulação de diferenças culturais. Além disso, abordamos as variações linguísticas segundo os pressupostos de William Labov (1972) e Fernando Luiz Tarallo (1986). A fim de analisarmos o corpus coletado, estudamos o preconceito linguístico de Marcos Bagno (1999) com o intuito de delineararmos se a escolha do tradutor revela tal atitude.

Iniciamos o estudo com a demarcação da presença do *Black English Vernacular* na obra *No Longer At Ease*, através de análise das falas das personagens. No primeiro momento foi feita uma verificação da frequência dos termos e estruturas gramaticais do *Black English Vernacular* e um tratamento estatístico dos mesmos usando a metodologia proposta por William Labov (1972) e que Fernando Luiz Tarallo (1986) chama de "sociolinguística quantitativa". Diversos trabalhos já foram desenvolvi-

dos em torno da variante linguística *Black English Vernacular*, como o do próprio William Labov (1972) onde evidencia os problemas enfrentados pelos professores na formação de jovens que falam essa variante, além de estudos sobre tradução dessa variante como o de Regina Maria Przybycien (1995).

No tocante à questão da variação linguística, Fernando Luiz Tarallo (1986) destaca em sua obra os estudos realizados por William Labov (1972), sobretudo no que se diz respeito à “sociolinguística quantitativa”, onde se trabalha com números e tratamento estatístico dos dados coletados. Fernando Luiz Tarallo também afirma que a língua falada ao mesmo tempo é heterogênea e diversificada, além de afirmar que a língua é um fator muito importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais. Ainda em seus estudos ele conceitua “variantes linguísticas” como diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, onde sempre há uma relação entre a língua padrão vs. não padrão, de prestígio vs. estigmatizada. Além de estabelecer um forte elo entre a língua e sociedade, evidenciando que a língua não é algo que algo estagnado ou a parte das influências sociais.

Em relação ao uso da língua padrão em detrimento da variação linguística, Marcos Bagno (2002) aborda o preconceito linguístico e que como isso os reflexos causados pelos mesmos, que acaba por supervalorizar a língua padrão e deixar a variante linguística a margem da sociedade. O autor ressalta que:

[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades (BAGNO, 2002, p. 47)

Em nossas pesquisas sobre o uso da linguagem dialetal na literatura, encontramos estudos que relatam que por falta de conhecimento de uma grande parcela da sociedade o *Black English Vernacular* é considerado inadequado na literatura, por mais que segundo Regina Maria Przybycien (1995) seja classificada como “literatura menor”, não deve ser entendida como menos importante ou de menor valor estético, mas como uma manifestação literária que subverte a língua oficial.

Segundo Regina Maria Przybycien (1995), o uso dessa variante é uma forma de assegurar que a identidade cultural do povo no qual a história está sendo contada esteja sendo respeitada:

A literatura afro-americana recria, portanto, o Black English (dialeto rejeitado pela cultura oficial como signo da ignorância e subdesenvolvimento do negro) e faz dele a sua língua literária. Realiza, portanto, uma luta de guerrilha à língua oficial, introduzindo nela, nas palavras de Deleuze e Guattari, "seu próprio patóá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. (PRZYBYCIEN, 1995, p. 136)

Laura de Almeida (2012) afirma que não há nada de errado com o *Black English Vernacular* como variante, uma vez que é usada para expressar ideias e pensamentos. A autora realiza um estudo sobre o hip hop como uma forma de autoafirmação de uma identidade que é negada pela cultura dominante que quer sempre impor os meios e visões de mundo homogêneas. Sendo assim esse estilo musical almeja através da manifestação da língua peculiar dos falantes do *Black English Vernacular* retratar sua realidade e ressaltar sua cultura.

Finalizamos assim com as ideias de Regina Maria Przybycien (1995) e Laura de Almeida (2012) trazendo a problemática da variante linguística numa perspectiva de consolidação cultural através da música e no nosso estudo em questão na literatura Afro-Americana, a fim de imprimir sobre ela a autenticidade e veracidade aos traços indenitários. Aliando os autores citados podemos fazer uma análise de forma explicitar a presença do *Black English Vernacular* em *No Longer at Ease*, além de entender a importância da aplicabilidade de tal variante na obra analisada.

A seguir, mostraremos a seguir algumas características que são específicas da variante linguística *Black English Vernacular* e, ao mesmo tempo fazemos uma comparação com o inglês padrão.

3. Características do *Black English Vernacular*

Segundo William Labov (1972), o *Black English Vernacular* (BEV) é uma variante africana do inglês americano. Assim como todas as formas linguísticas é influenciado pela idade, status, assunto/tema e local. Em relação às suas origens, tem suas raízes históricas em uma forma creolizada do inglês do tempo da escravidão. Analisando o seu uso e o contexto social, constatou-se que não existe nada de errado com o *Black English Vernacular* como uma variante, uma vez que é usado para expressar pensamentos e ideias. Outro foco de discussão encontra-se na educação, pois o *Black English Vernacular* tem sido o centro de controvérsias sobre a educação dos jovens africanos americanos, uma vez que

alguns educadores aprovam o uso do *Black English Vernacular*, enquanto outros não.

Apresentamos, a seguir, algumas das características do *Black English Vernacular*, nos quadros que se seguem.

A Negação

As negativas são formadas diferentemente do Inglês Americano padrão:

- Uso de *ain't* como indicador geral da negativa.

BEV - AAVE	SE (standard English)
<i>ain't</i>	<i>am not, isn't, aren't, haven't and hasn't.</i>
<i>ain't</i>	instead of <i>don't, doesn't, or didn't</i> (e.g., <i>I ain't know that</i>)

Negative concord, popularly called "double negation": <i>I didn't go nowhere.</i> This contrasts with Standard English, where a double negative is considered incorrect to mean anything other than a positive	There is also "triple" or "multiple negation": <i>I don't know nothing about no one no more</i> (in Standard English "I don't know anything about anyone anymore").	In a negative construction, an indefinite pronoun such as <i>nobody</i> or <i>nothing</i> can be inverted with the negative verb particle for emphasis: <i>Don't nobody know the answer, Ain't nothin' goin' on.</i>)
--	---	---

Outras características gramaticais:

- Omissão do verbo "to be":

BEV (Black English Vernacular)	SE (Standard English)
You crazy	You're crazy
She my sister	She's my sister
Who you?	Who are you?
Where you at?	Where are you (at)?

Por outro lado, o *is* enfático não pode ser omitido: *She is my sister.*

- O caso genitivo -'s pode ou não ser usado

BEV (Black English Vernacular)	SE (Standard English)
My momma sister	My mother's sister

BEV (Black English Vernacular)	SE (Standard English)
<i>It and they denote the existence of something</i>	<i>There is or there are</i>

- Uso da sintaxe alterada nas perguntas

BEV (Black English Vernacular)	SE (Standard English)
<i>Why they ain't growin'?</i>	<i>'Why aren't they growing?'</i>
<i>Who the hell she think she is?</i>	<i>Who the hell she think she is?</i>

O *Black English Vernacular* não caracteriza necessariamente o marcador do pretérito de outras variantes do inglês (isto é, o “ed” de *worked*), mas caracteriza um sistema de tempo opcional com quatro tempos passados e dois tempos futuros ou frases (porque eles indicam tempo em graus).

Dentre suas características destacamos as seguintes:

- As negativas são formadas diferentemente do Inglês Americano padrão.
- uso do “ain't” como um indicador geral da negativa.
- Falantes do *Black English Vernacular* também usam “ain't” ao invés de “don't”, “doesn't”, ou “didn't” (por exemplo, I ain't know that).
- “Ain't” tinha suas origens no Inglês comum, mas tornou-se progressivamente estigmatizado desde o século.

Apresentamos algumas características do *Black English Vernacular* com o objetivo de mostrar as possíveis formas que podem ser encontradas na obra selecionada para a análise.

4. Metodologia

Utilizamos o método quali-quantitativo a partir da seleção de falas dos personagens das obras selecionada. Selecionamos as falas de alguns personagens na obra original em inglês *No Longer at Ease* do autor Chinua Achebe e contrastamos com suas falas na obra traduzida para a língua portuguesa do português do Brasil.

Com base na fundamentação teórica adotada, analisamos se as falas do personagem traduzidas correspondem à fala dialetal ou se foram

transcritas para alguma outra forma do português padrão. A organização dos dados coletados é disposta em uma tabela em que apareçam os trechos da obra original e da obra traduzida visando assim uma comparação entre ambas.

5. Análise dos dados coletados

A seguir, na tabela abaixo, apresentamos algumas características do *Black English Vernacular* que foram identificados na obra *No Longer at Ease*:

Aspectos	BEV	Inglês padrão	Tradução em língua portuguesa
o verbo <i>to be</i> é omitido	Zacchaeus had made up his mind to resign as soon as Master married Madam. 'I like Master too much, but this Madam no good,' was his verdict. (p.17)	<i>Madam is not good</i>	Zacchaeus tinha resolvido demitir-se assim que o patrão casasse com a madame. “Gosto demais do patrão, mas essa madame não é boa”, foi seu veredicto. (p.
o verbo <i>to be</i> não é conjugado	'Na good luck,' said the man. 'Dog bring good luck for new car. But duck be different. If you kill duck you go get accident or kill man.' (page 14)	But duck is different	“Dá sorte”, respondeu o homem. “Cachorro dá sorte para carro novo. Mas pato é diferente. Se a gente mata um pato, vai ter um acidente, ou vai matar um homem.” (p.17)
Omissão do verbo auxiliar “did”	How much they take?” asked the driver. (p.34)	How much do they take?	“Quanto eles levaram?”, perguntou o motorista. (p.37)
Omissão do verbo auxiliar “do”	You get B.A. but you no know say you have to affix stamp to agreement?” ‘What agreement?’ asked Obi perplexed. (p.51)	You do not know	“O senhor é bacharel, mas não sabe que tem que mandar fazer um carimbo para o contrato?” “Que contrato?”, perguntou Obi, perplexo. (p.53/54)
Omissão do verbo auxiliar “does”	What department he de work?” p.59	What department does he work?	“Que departamento ele trabalha lá?” p.61
Uso de “dat” ao invés de	“E go make plenty money there. Every student who wan’ go	He is not like that	“Vai fazer muito dinheiro por lá. Todo estudante que quer ir para a Inglaterra

"that"	England go de see am for house.' "E no be like dat,' said Joseph. 'Him na gentleman. No fit take bribe.' 'Na so,' said the other in unbelief. p.59		terra vai lá falar com eles para conseguir alguma coisa." "Ele não é assim, não", disse Joseph. "É um cavalheiro, ele. Não serve para receber propina." "Pois sim", disse o outro, com incredulidade. p.61
O "S" na terceira pessoa do singular é omitido	Obi's telephone was in parallel with hers. He thought it was Clara, but it was only the receptionist downstairs. 'A gentleman? Send him up, please. He want speak to me there? All right, I de come down. Now now.' p.65	He wants to speak to me there?	O telefone de Obi era uma extensão do da secretária. Obi pensou que era Clara, mas era apenas a recepcionista no térreo. "Um cavalheiro? Mande subir, por favor. Quer falar comigo aí? Tudo bem, eu vou descer. Já estou indo." p.67

Todas as substituições elencadas acima não aparecem marcadas de forma diferenciada na obra traduzida para a língua portuguesa, como podemos notar em alguns exemplos acima.

Tal escolha do tradutor demonstra um certo desinteresse em retratar as formas dialetais ou variações linguísticas da obra original.

É importante destacar que existem outras estruturas do *Black English Vernacular* que serão analisados mais detalhadamente ao decorrer da pesquisa que está em andamento.

6. Resultados e discussões

O trabalho foi desenvolvido através da coleta dos termos e estruturas gramaticais da variante do *Black English Vernacular*. Após identificar, os vocábulos foram organizados em uma tabela onde foi analisada a frequência de cada termo identificado na obra, além de fazer a somatória total dos termos identificados na obra *No Longer at Ease* também foi feito um levantamento das estruturas mais recorrentes até o ponto analisado.

Com base na coleta de dados foi possível observar quais as características estruturais da gramática do *Black English Vernacular* que aparecem com maior frequência até o momento na pesquisa. É muito recorrente a omissão do "S" que marca a conjugação dos verbos na terceira

pessoa do singular no simple present, a omissão do uso do verbo “to be” é um aspecto muito comum nessa variante linguística, além de, como se pode observar, o uso do verbo “to be” não conjugado e uso do “don’t” na terceira pessoa do singular, eliminando o “does” que segue a mesma lógica da omissão do “s” na terceira pessoa do singular.

7. Considerações finais

Com essa pesquisa pretendemos fazer uma análise sociolinguística dos dados coletados, buscando fazer uma relação não só da língua de forma isolada, mas também de sociedade uma vez que o *Black English Vernacular* representa a identidade cultural de uma comunidade que vem lutando ao longo do tempo para conseguir sua autonomia principalmente linguística, a fim de quebrar as barreiras estigmatizadas pelos falantes da língua padrão.

O *Black English* é um dialeto com estruturas gramaticais complexas, além de uma grande variedade de termos, tais julgamentos preconceituosos são frutos de pensamentos racistas que buscam desvalorizar as características de matriz africana.

Por se tratar de uma pesquisa em fase inicial ainda não temos uma visão total da obra em estudo. Entretanto, apresentamos os resultados esperados, no que se referem à utilização de termos e estruturas gramaticais na obra *No Longer at Ease* encontrados em quantidade expressiva, evidenciando que essa variante possui os requisitos para serem utilizados na literatura, principalmente nas obras Afro-Americanas. Contudo, a variação linguística e/ ou uso dialetal não aparece entre as escolhas do tradutor que prefere optar por uma forma mais padronizada da língua em detrimento do uso de uma variante linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHEBE, Chinua. *No Longer at Ease*. London: Heinemann, 1987.
- _____. *A Paz dura pouco*. Tradução de Rubens Figueiredo. Companhia das Letras, 2013.
- ALMEIDA, Laura de. Hip-hop e a formação da identidade cultural no ensino de língua inglesa. In *III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e*

Sociedade (III SIDIS): Dilemas e desafios na contemporaneidade, 2012. Campinas, 2012.

AUBERT, Francis Henrik. Desafios da tradução cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). *TradTerm*, n. 2, p. 31-44, 1995.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl (Orgs.). Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: Pennsylvania, 1972.

MARINS, Lilian; WIELEWICKI, Vera Helena G. *Literatura traduzida e formação do leitor: a recepção de As Aventuras de Huckleberry Finn, Mark Twain*. Trad.: Monteiro Lobato. Maringá, 2009.

MILTON, John. A tradução de romances “clássicos” do inglês para o português no Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, vol. 24, p. 19-33, jul./dez. 1994.

PRZYBYCIEN, Regina Maria. Literatura "menor": linguagem e identidade cultural num conto afro-americano. *Letras*, Curitiba: UFPR, n. 44, p. 135-140, 1995.

TARALLO, Fernando Luiz. A pesquisa sociolinguística. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.